



Dom Dinis de Portugal: o trovador peregrino

Dom Dinis of Portugal: The Pilgrim Troubadour

Viviane Cunha

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
vivileda@terra.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-8695-4782>

Resumo: Um dos mais profícuos reis de Portugal e um dos grandes trovadores, Dom Dinis foi, além disso, um rei peregrino, que percorreu o Caminho Português a Santiago de Compostela, fato ignorado pelos historiadores, e que Rossi Vairo (2012) trouxe à luz, tema que será aqui abordado. Com ênfase neste último aspecto – rei-peregrino –, estuda-se neste artigo alguns principais fatos da vida do grande rei e das suas relações com o seu tempo.

Palavras-chave: Dom Dinis; peregrinação; Caminho de Santiago; poesia.

Abstract: One of the most prolific kings of Portugal and one of the great troubadours, Dom Denis was also, a pilgrim king, who walked the Portuguese Way to Santiago de Compostela, a fact ignored by historians, and which Rossi Vairo (2012) brought to light, which will be discussed here. With emphasis on this last aspect – pilgrim king – this article studies some of the main facts of the life of the great king and his relations with his time.

Keywords: King Denis of Portugal; pilgrimage; Camino de Santiago; poetry.

O refrão popular diz que todos os caminhos levam a Roma; neste sentido, podemos dizer que também existem vários caminhos que levam a Santiago de Compostela, lá chegando tanto por terra como por mar. Como observou um frequentador do caminho jacobeu,

um sendeiro é esculpido passo a passo, e às vezes, com tempo e constância, avançamos. Assim nasceu na península ocidental um caminho que, hoje conhecido como *Via de la Plata*, foi o resultado de um trânsito contínuo ao longo de milênios. (MORAES, 2013, p. 1)

Assim o *Guia del camino mozárabe de Santiago – via de la Plata* começa a história deste afluente do *camino-río*, que nos conduz a Santiago de Compostela. Segundo Moraes, esta é uma opção que encanta os peregrinos que percorrem a Espanha do sul em direção ao norte, seja saindo de Granada, de Córdoba ou de Sevilha. Esta região, a saber, todo o sul da Península Ibérica, conserva tesouros culturais e históricos, gerados a partir da coexistência de mais de oito séculos entre cristãos, árabes e judeus. Isso remonta à época da Reconquista, isto é, ao momento das lutas dos povos ibero-romanos contra os mouros, com a intenção de recuperar as suas terras.

A islamização progressiva de Al-Andaluz homogeneizou a população, de maneira que no século X a identidade muçulmana já estava consolidada sobre o território, igualmente unida pelo uso da língua árabe. De mais a mais, os grupos de judeus e de cristãos que vivem com essa população muçulmana são cada vez mais minoritários (PÁRAMO DE VEGA, s/d, p. 165, tradução minha)¹

Entre outros caminhos, seja na Espanha ou alhures, há dois caminhos a Santiago, bem conhecidos pela tradição, que possuem uma relação com a literatura medieval: o caminho francês e o caminho português.

O caminho português, objeto deste estudo, também conhecido como “caminho dos trovadores”, foi restabelecido há algumas décadas, sob os auspícios da *Xunta de Galicia*. No *Prólogo* do guia do *Caminho*

¹ No original: “Las jarchas son el mejor ejemplo de la arabizacion que experimentaron los cristianos de al-Andalus. Son los versos finales que se anaden a un tipo de poemas cultos (muwashahah o moaxaja) compuestos en árabe o hebreo. La peculiaridad de las jarchas es que estan escritas en mozárabe, es decir en una variedad del latin surgida en al-Andalus pero muy influenciada por la lengua arabe. Esta variedad poetica se origina en el siglo XI y es la muestra mas antigua de poesia lirica redactada en lengua romance. Las jarchas presentan ademas de arabismos palabras hebreas, pues no hay que olvidar que en la sociedad andalusi convivian las tres lenguas.”

central português, publicado pela AGACS (Associação Galega dos Amigos do Caminho de Santiago), em 2006, José Antonio de la Riera assinala bem as diferenças entre os dois caminhos já citados:

Se o caminho francês é o caminho da épica, o caminho português é o caminho da lírica. O peregrino não encontrará aqui os planaltos desolados do caminho francês, nem tocará o céu com as mãos em altíssimas montanhas, nem tampouco sairá a seu passo nenhum Roldán, nenhum Carlomagno, nenhum Mio Cid, mas na profundidade das “fragas”, no silêncio das encruzilhadas, perto dos cruzeiros milenários sairão a seu passo as sombras amáveis dos trovadores: Bernal de Bonaval, Martín Codax, Meendiño, el Rey D. Dinís, desfiando cantigas de amigo ao entardecer do antigo mar do ocidente (RIERA, 2006, p. 6)

Tal passagem do texto de Riera é muito significativa uma vez que sintetiza em um parágrafo o essencial dos dois caminhos da Península Ibérica a Santiago de Compostela. Na realidade, o denominado “caminho da épica” abrange os quatro caminhos provenientes da França, arrolados em seguida. Na *Via Podiensis*, considerada a mais antiga dos caminhos franceses, está situado o santuário da Virgem Negra, onde se reúnem, em *Puy-en-Velay*, os peregrinos oriundos do nordeste da Europa. A *Via Tolosana*, que tem início na Itália, passa por *Toulouse*, cidade que é cenário de vários relatos de milagres marianos e de São Tiago. Ali se situa a basílica de *Saint Sernin*, de grande importância na rota dos peregrinos, por ser um local de encontro deles. A *Via Turonensis*, cujo nome remete a Tours – a sua catedral abriga o corpo de *Saint Martin*, um dos padroeiros da França – tem início um pouco mais ao norte, isto é, na antiga basílica medieval de *Saint Denys*, hoje catedral (desde 1996), local em que se reúnem os peregrinos provenientes de outros lugares setentrionais, a qual situa-se nas proximidades de Paris.

Há que se incluir também a *Via Lemovicencis*, a qual se centra na região do *Limousin*, e tem em São Leonardo de Noblat o seu centro religioso, bem como um lugar de assistência aos peregrinos. Os peregrinos que partem dos citados caminhos franceses se reúnem em um único caminho a partir de *Puente la Reina*, cidade situada ao norte da Espanha, e com pequenas bifurcações ou desvios, a partir daí eles perfazem o trajeto até Santiago de Compostela.

É esse caminho que é considerado o da épica, pois é o cenário da mais antiga epopeia em língua românica, a *Canção de Rolando* (fins do século XI), transcorrida na vila de *Roncesvalles* – entrada do caminho francês na Espanha – situada nos Pirineus, um dos locais mais famosos da peregrinação, pelo fato de ali ter transcorrido a “batalha de Roncesvalles”, empreendida pelos *Doze Pares* de Carlos Magno contra os muçulmanos, que haviam tomado a Península Ibérica em 711, batalha que foi chefiada pelo seu sobrinho Rolando. A partir dessa gesta, a luta entre muçulmanos e cristãos passou a ser o tema de várias narrativas épicas na Idade Média.

Também o herói nacional espanhol, Rodrigo Diaz de Vivar, mais conhecido como “El Cid”, nasceu nas proximidades de Burgos, cidade que faz parte desse caminho setentrional da Península, no qual ele se encontra enterrado na catedral de Santa Maria de Burgos. Apesar de as suas façanhas terem ocorrido em outros lugares da Espanha, partindo do norte em direção ao sul, as quais são narradas no *Cantar de Mio Cid* (considerada a epopeia de fundação da nacionalidade espanhola) a sua história, começando no *caminho francês*, também está relacionada ao caminho da gesta. É assim que o caminho do norte da Espanha – que vai de *Roncesvalles* até a Galícia, lugar em que se encontra o túmulo de São Tiago Apóstolo – passou a ser considerado o *caminho da épica*.

De maneira perpendicular ao *caminho francês*, e seguindo-se verticalmente do sul para o norte, encontra-se o *caminho português*, poeticamente chamado de *caminho dos trovadores*. Com efeito, o mais famoso dos trovadores, o rei Dom Dinis e a sua piedosa esposa, a Rainha Isabel, percorreram esse caminho enquanto peregrinos, desde Portugal até o túmulo do Apóstolo, na Galícia. Enquanto a presença da rainha de Portugal está bem documentada e é bastante conhecida, a presença de Dom Dinis no caminho do apóstolo havia sido ignorada até pouco tempo atrás.

Como escreveu muito bem Giulia Rossi Vairo (2010), os historiadores não se detiveram muito na imagem piedosa do Rei Lavrador (assim cognominado pelo enorme apoio que deu à agricultura e também por ter ordenado a plantação do extenso pinhal de Leiria), sempre ressaltando a imagem do rei forte, conectado com a cultura e com as questões de Estado. A propósito, esse fato tem uma relação com as Grandes Navegações Portuguesas, pois as naus que navegaram pelo Novo Mundo foram construídas com a madeira retirada daqueles pinhais de Leiria.

É sabido que Dom Dinis fundou a primeira universidade portuguesa em Lisboa-Coimbra (houve uma oscilação inicial, entre uma

e outra cidade), passando definitivamente a Coimbra no século XVI; instituiu a língua portuguesa como a língua oficial do reino de Portugal; mandou traduzir inúmeras obras do *scriptorium* do seu avô Afonso X, para o português; além de ter sido o grande poeta das cantigas de amor, de amigo, de escárnio e de mal dizer, das quais nos chegou uma partitura musical, contendo sete cantigas de amor, encontradas em um pergaminho fragmentado, que foi descoberto pelo professor Harvey Sharrer, da Universidade de Berkeley, nos EUA, em 1990.

Rossi Vairo conclui muito bem que o Rei Lavrador foi, com o decorrer dos anos, substituído pelo Rei Civilizador e pelo Rei Poeta e Culto (ROSSI VAIRO, 2009, p. 10)

No fim do século XIII, Lisboa se tornou um importante centro de cultura. Deslocando a Corte Real para o sul da Península Ibérica, de uma maneira estratégica e ponderada, distanciando-a também da corte da Galícia, Dom Dinis, como já referido, instituiu o português como a língua oficial do reino. Ele antecipa assim, com a prática generalizada do ensino, a instauração de um instrumento decisivo para reforçar, independentemente da classe social de que cada um faz parte, a unidade política, religiosa e cultural entre todos os membros da comunidade lusófona.

Dom Dinis nasceu em Lisboa, em 1261, filho de Afonso III e de Beatriz de Castela. Além de ser um rei trovador, assim como o seu avô Afonso X, rei de Castela e Leão, um dos seus atos mais notáveis foi a adoção da língua portuguesa nos documentos oficiais, que eram antes escritos em latim. Dom Dinis foi o primeiro rei português a assinar os documentos oficiais com o seu nome completo, do que se presume que ele tenha sido o primeiro rei português não analfabeto. O seu pai, o quinto rei de Portugal, que viveu na França, se esforçou para dar-lhe uma educação superior, proporcionada por bons preceptores e por mestres qualificados.

Poeta e protetor dos trovadores, Dom Dinis foi também chamado de “rei poeta” ou de “rei trovador” em razão das canções que ele compôs e do desenvolvimento da poesia cortês que floresceu durante o seu reinado. Ele permaneceu no poder até a sua morte em Santarém, em 1325, e foi inumado no convento de São Dinis, em Odivelas. Os últimos anos do seu reinado foram marcados por conflitos internos.

No fim do século XI e no começo do século XII, na época da reorganização eclesiástica da Península Ibérica, várias sedes episcopais foram ocupadas, em Portugal, por clérigos provenientes da França meridional. Efetivamente, os clérigos do Quercy estabelecem relações

mais ou menos estreitas com Portugal e ocupam de maneira intermitente as sedes episcopais. O mais antigo desses prelados é Géraud, monge de Moissac, e depois da Daurade de Toulouse, que se torna arcebispo de Braga, onde ele morre em 1108. O seu antigo biógrafo, Bernard, beneditino de Moissac, torna-se também bispo de Coimbra (BOURDON, 1948, p. 182).

No fim do século XIII e no transcorrer de todo o século XIV, um número considerável de franceses do Midi foi se instalar como arcebispos, bispos, dignitários de capítulos ou de simples cônegos e de prebendários em vários bispados portugueses. Este fato terá uma importância crucial para reunir a Coroa Portuguesa a Roma e ao papado. Outro fator que poderia explicar os laços que unem Portugal ao Quercy é a peregrinação a Nossa Senhora de Rocamador. Desde o fim do século XII, os peregrinos lusitanos frequentavam a vila francesa de Rocamador. O rei Sancho I, o segundo da dinastia portuguesa, doa ao santuário mariano, no dia 15 de outubro de 1193 a vila de Soza, situada entre Coimbra e Porto. No século seguinte, há um hospital e uma confraria dedicados a Nossa Senhora de Rocamador em Soza e Coimbra, fundadas talvez por volta de 1250, certamente sob o episcopado de Aymeric d'Ébrard, o qual será abordado mais à frente. Uma rica senhora burguesa, de Coimbra, Boa Peres lega à sua filha Teresa, em novembro de 1286, uma estátua de Santa Maria de Rocamador. A peregrinação ao santuário francês criou assim laços duráveis entre as duas regiões, que ademais possuem línguas próximas (BOURDON, 1948, p. 180).

No domínio da cultura, Sancho I, sendo ele também poeta, envia numerosos bolsistas portugueses para várias universidades estrangeiras na Europa. Todavia, não é senão no fim do século XIII, que ocorre uma nomeação episcopal que vai acarretar consequências importantes para o Quercy e as suas relações com o reino lusitano. Com efeito, em 1279, Aymeric d'Ébrard, originário de uma família nobre de Cajarc, na diocese de Cahors, arqui-diácono de Palencia, em Castela, é escolhido pelo papa Nicolau III, em virtude do seu direito de reserva, para suceder ao bispo Matheus, na sede de Coimbra. Essa escolha não é por acaso: além de suas qualidades pessoais, Aymeric conhece o meio ibérico, pelo fato de ocupar uma cadeira episcopal na Espanha; além do fato de não estar ligado à monarquia portuguesa, quando surge um conflito depois de 1266. Ele será mesmo um dos atores do acordo passado em 1289, entre o rei

português e o papado, tratado que leva no ano seguinte ao levantamento do interdito eclesiástico ao reino.

O abade Pierre David, que ensinou durante vários anos História da Idade Média, em Coimbra, arrolou uma lista impressionante de clérigos que tinham vindo do Quercy (cf. BOURDON, 1948, p. 181).

O primeiro, em data, desses clérigos do Sul da França levados para Portugal, é Aymeric d'Ébrard. Acreditava-se que ele tivesse sido o preceptor de Dom Dinis, e, por consequência, teria ensinado ao rei-poeta a compor canções *en manière de proençal*, o que é falso, como o afirmam todos os historiadores. De acordo com Bourdon, o abade Pierre David mostra que isto não se trata senão de uma “lenda tenaz”, da qual é preciso buscar as origens em uma hipótese emitida no século XVII pelo frei Francisco Brandão, na obra *Monarquia lusitana* (BOURDON, 1948, p. 181).

Essa obra é um conjunto de oito volumes, começada em 1597, pelo cronista frei Bernardo de Brito, que escreveu os dois primeiros volumes. Mais tarde, outros cronistas a continuaram: António Brandão escreveu o terceiro e o quarto volumes; Francisco Brandão escreveu o quinto e o sexto volumes, sendo esses dois últimos sobre o rei Dom Dinis.

As relações entre a Santa Sé e a Coroa portuguesa haviam sido rompidas há pouco mais de treze anos. Aymeric d'Ébrard foi um daqueles que se empenharam mais ativamente em colocar um termo a isso, que teve fim entre 1289-1290. O seu nome continua ligado, como o notícia bem o *Livro das kalendas*, do Capítulo de Coimbra, à introdução em Portugal da festa de *Corpus Christi*, instituída por Urbano IV desde 1264. Aymeric d'Ébrard havia “povoado” o Capítulo de Coimbra com alguns dos seus parentes e dos seus vizinhos.

Outro clérigo que teve uma importância na educação do rei Dom Dinis é Domingos Anes Jardo, que desde jovem recebeu uma educação aprofundada na Universidade de Paris. De retorno ao reino português, ele foi convidado por Afonso III para ser o seu capelão-chefe e membro do seu Conselho.

O seu filho, o rei Dom Dinis, fê-lo chanceler do reino e contribuiu junto à sua elevação à cadeira episcopal, a princípio em Évora (1283), onde ele permaneceu até 7 de outubro de 1289, data em que o papa Nicolau IV o transferiu para a diocese de Lisboa. Domingos Jardo encarregou-se da construção do Hospital São Paulo (hoje convento de

Santo Elói, em Lisboa), destinado não somente ao ofício divino, mas também à promoção das Letras, da qual o reino tanto precisava².

Além de estimular a tradução de diversas obras religiosas e laicas na língua vernácula, tanto em um ambiente cortês quanto monástico, o Rei Lavrador herda a veia poética e a erudição do seu avô Afonso X, o Sábio, e prossegue no impulso da literatura portuguesa.

Coimbra é uma cidade historicamente universitária, por causa da sua Universidade, uma das mais antigas da Europa e das maiores de Portugal. Ela foi fundada em 1290 como de *Estudos Gerais Portugueses*, por Dom Dinis, cuja corte se encontrava em Lisboa; teve assim instalações nas duas cidades e foi definitivamente instalada na cidade banhada pelo Mondego em 1537.

Na história recente, a população estudantil da Universidade de Coimbra teve um importante papel ativo na defesa do Estado Novo. Uma das cidades mais antigas do país, Coimbra foi a capital de Portugal antes de Lisboa, até 1255, onde se encontra o primeiro Panteão Nacional: o Mosteiro de Santa Cruz.

Dom Dinis mandou substituir o latim pela língua portuguesa nos documentos oficiais e instituiu a língua portuguesa como língua oficial do Reino de Portugal. Da mesma forma que o seu avô Afonso X, Dom Dinis encomendou a tradução de várias obras do *scriptorium* de Toledo para a língua portuguesa. Com efeito, o *scriptorium* de Toledo, sob a direção de Afonso X, traduziu obras do árabe, do hebraico, do grego e do latim; e esta tradição continuará em Portugal, desde o reino de Dom Dinis. Isso mostra as boas relações entre as diferentes comunidades: árabe, judaica e românica, que começou com o rei Afonso III, o seu pai.

Os sete séculos de presença muçulmana na Espanha, de 711 a 1492, marcaram profundamente a realidade histórica e cultural da Península Ibérica, possibilitando o surgimento de uma civilização, a de al-Andalus – termo usado pelos autores árabes da Idade Média para designar a Espanha muçulmana. As grandes realizações arquitetônicas, como a Mesquita de Córdoba e a Alhambra de Granada, e também a arte *mudéjar*, e ainda, no campo intelectual, o pensamento de Averróis e o de Maimônides, constituem obras essenciais do patrimônio de al-Andalus.

² Cf. NORTE, 2013, p. 314.

Na corte de Afonso X trabalharam vários músicos árabes e judeus que também influenciaram a poesia: a forma poética das *Cantigas de Santa Maria*, o *zegel*, por exemplo, é de origem árabe.

As *jarchas* são o melhor exemplo da arabização que os cristãos de al-Andalus viveram. Estes são os últimos versos que são adicionados a um tipo de poemas cultos (*muwashahah* ou *moaxaja*) compostos em árabe ou hebraico. A particularidade das *jarchas* é que são escritas em moçárabe, ou seja, em uma variedade do latim que surgiu em al-Andalus, mas foi fortemente influenciada pela língua árabe. Esta variedade poética teve origem no século XI e é a amostra mais antiga de poesia lírica, escrita em língua românica. As *jarchas* também apresentam palavras hebraicas, pois não devemos esquecer que na sociedade andaluza coexistem as três línguas. (PARAMO DE VEGA, s/d, p. 165, minha tradução do espanhol)³

Foi o pai de Dom Dinis, Afonso III, de Portugal, que levou da França, novas correntes literárias, de maneira que o seu filho pôde assistir à floração dessa arte, que acompanhava as outras cortes peninsulares e mesmo europeias. O rei Dinis assistia e contribuía a essa floração: ele foi um dos grandes e um dos mais fecundos trovadores do seu tempo.

O professor, poeta e ensaísta Nuno Júdice publicou uma boa edição, porém, não crítica, na qual apresenta a totalidade de 137 cantigas de D. Dinis, assim organizadas: 71 cantigas de amor, 52 cantigas de amigo, 3 pastorelas e 11 cantigas satíricas de escárnio e de maldizer (cf. JÚDICE, 1997, p. 7-15).

Sete dessas cantigas chegaram até os dias de hoje, com a música original, descobertas pelo Professor da Universidade de Berkeley, Harvey L. Sharrer, nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, sobre um pergaminho que servia de cobertura a um registro notarial do século XVI, mais conhecido hoje como “Pergaminho Sharrer”.

³ No original: “Las jarchas son el mejor ejemplo de la arabizacion que experimentaron los cristianos de al-Andalus. Son los versos finales que se anaden a un tipo de poemas cultos (muwashahah o moaxaja) compuestos en árabe o hebreo. La peculiaridad de las jarchas es que están escritas en mozarabe, es decir en una variedad del latin surgida en al-Andalus pero muy influenciada por la lengua arabe. Esta variedad poética se origina en el siglo XI y es la muestra más antigua de poesía lírica redactada en lengua romance. Las jarchas presentan ademas de arabismos palabras hebreas, pues no hay que olvidar que en la sociedad andalusi convivian las tres lenguas.”

O repertório de Dom Dinis representa uma coleção de toda a produção dos trovadores da Península Ibérica e dos outros lugares, pois contém quase todas as formas métricas, retóricas e quase todos os temas usados na poesia medieval. É ao rei-trovador que devemos o uso dos termos: *dobre, mordobre, palavra rima*, etc.

Os exórdios das canções: *Quer 'eu em maneira de proença* (25, 99) ou *Proençaes soen mui bem trovar* (25, 86); o uso de gêneros como a *pastorela* e o da *cantiga de mal casada* (essa última incluída no *corpus* de cantigas de amigo); ou ainda as citações dos casais, mais característicos do gênero narrativo: *Tristam e Iseu; Flores e Brancafrol*, (cf. cantiga de amor 35), mostram claramente a influência vinda do outro lado dos Pirineus na poesia do rei D. Dinis.

Como aponta Rossi Vairo, o Rei Lavrador, nos anos seguintes, foi substituído pelo “rei civilizador e pelo rei poeta e letrado”.

Atualmente, ainda não foi verdadeiramente investigado o rei D. Dinis, “filho obediente da Santa Igreja de Deus”, como ele próprio se proclama, muito oportunamente, no testamento de 1323, mas também como ele é definido pelo Papa João XXII em diversas cartas dirigidas a ele e aos seus familiares, antes e depois do seu falecimento (ROSSI VAIRO, 2009, p. 10)

Depois de analisar vários documentos (correspondências entre o rei e o Papa), Rossi Vairo conclui que D. Dinis teria peregrinado a Compostela de 12 de janeiro a 22 de fevereiro de 1318, ou seja, um total de 41 dias. A confirmação disso é a carta apostólica de João XXII (hoje ainda inédita), datada de 14 de março de 1318, na qual “o Papa concede ao rei D. Dinis a possibilidade de conceder-lhe a remissão total dos pecados *in articulo mortis*, precedida de uma confissão” enviada como “resposta a uma súplica do soberano”, que deve ter sido anterior à viagem ser empreendida.

Segundo Rossi Vairo, poder-se-ia afirmar que 1318 apresentou-se para o reino português como um ano de trégua, um ano “suspense” entre as primeiras e as mais concretas manifestações do conflito de 1317 e a eclosão violenta e definitiva da guerra civil (1319-1324). Várias iniciativas empreendidas pelo rei Dom Dinis durante o ano de 1318, nos meses que se seguiram à peregrinação a Compostela, sugerem uma pacificação familiar e uma diminuição das tensões, o que pode ser

atribuído à experiência espiritual vivida pelo soberano (ROSSI VAIRO, 2009, p. 15). A decisão de peregrinar

parece surgir de uma urgência interior do monarca: tem 57 anos, uma idade já bastante avançada para enfrentar uma tal viagem, fisicamente muito cansativa [...] Porém, nos últimos tempos, por mais [de] uma ocasião, deve ter parado para meditar sobre a caducidade do ser humano e a vaidade das coisas terrenas, com uma atitude que bem se reflecte na súplica enviada ao Papa, remontando a este mesmo período. Por certo, as fricções familiares, que tinham começado a manifestar-se de uma forma mais evidente no ano anterior, podem ter pesado na decisão de D. Dinis de cumprir um acto tão emotiva e espiritualmente envolvente. Também o desejo do soberano de recomendar ao santo a alma do pai D. Afonso III, cuja memória é omnipresente em cada auto ou acção do rei, pode ter influenciado a sua resolução (ROSSI VAIRO, 2009, p. 15)

Além das motivações espirituais e devocionais, uma motivação concreta que teria impelido o soberano a empreender a peregrinação ao norte da península, em um período de inverno rigoroso, teria sido a morte prematura do neto, no primeiro ano de vida, como observa Rossi Vairo, a partir do cronista Rui de Pina: o menino Denis conclui a sua breve existência provavelmente no final do primeiro ano, deixando o avô [Rei D. Denis] desnorteado, como comprovam as palavras do cronista Rui de Pina: “el rey foy tam anoxado e triste que no sabia nem podia com nenhuma cousa ser ledo nem consollado”. Tal foi o sofrimento manifestado pelo soberano que chamou a atenção do Pontífice que, poucos meses depois, em 10 de junho de 1318, [ele endereçou] ao rei, e não aos pais da criança, uma afetuosa e sincera carta de condolências, de afeto paterno, pela morte não de qualquer parente, mas de *l’infante bone memorie Dionisii nepotis* (ROSSI VAIRO, 2009, p. 16).

Na Idade Média, era comum uma pessoa em peregrinação buscar a salvação da sua alma ou de alguém com quem se relacionasse e até mesmo por procuração de outros. Muitos nobres delegavam a outras pessoas da sua confiança percorrer a *via peregrinalis*, porque não podiam, por vários motivos, fazer a peregrinação eles mesmos. O caso de Blanche de Castille é bastante singular: depois de ter se preparado ritualmente para seguir o caminho até o túmulo do apóstolo Tiago, na Galícia, acabou realizando o

seu desejo na própria cidade de Paris, onde havia uma igreja consagrada ao santo, por instrução do bispo daquela diocese.

Na época medieval, a peregrinação tinha várias regras e obrigações, como veremos a seguir:

[...] era regra não escrita ir em peregrinação a Compostela pela salvação da alma do defunto, durante o primeiro ano da morte do parente: assim fez a rainha Isabel quando, falecido o consorte a 7 de Janeiro de 1325, se encaminhou no mês de Julho daquele mesmo ano para rezar sobre o túmulo do Apóstolo pela alma do marido e recomendá-la a Deus. Da mesma maneira, é possível que D. Dinis tenha decidido ir em peregrinação logo a seguir à morte do neto, quase a querer chegar ao destino ainda antes de se completar o primeiro aniversário do nascimento do infante (12 de Fevereiro), no qual tinha depositado as grandes esperanças, suas e do reino (ROSSI VAIRO, 2009, p. 16)

A preparação para a peregrinação envolvia várias etapas e vários rituais na Idade Média. Em geral, alguns ritos ou deveres tinham que ser cumpridos na véspera da partida, tais como a confissão, a assistência à santa missa e a reza do terço, *topoi* que podem ser confirmados nas *canções piedosas* que cantavam os peregrinos quando percorriam o caminho, além dos textos oficiais, é claro. Era preciso também uma carta de autorização/apresentação do abade ou do bispo local de onde partia o peregrino. Esse tinha que estar em boas relações com os seus parentes, os seus vizinhos e os seus amigos, devia ter as suas dívidas quitadas, enfim, era preciso ter a consciência tranquila e estar em paz consigo mesmo. O caminho compostelano se tornou dessa forma a via penitencial por excelência, o qual, pela mediação de São Tiago, os peregrinos recebiam o perdão e os meios de obter a sua salvação. Rossi Vairo confirma isto no seu texto:

No século XIV, a peregrinação a Compostela tornou-se a expressão de uma devoção pessoal pelo santo ou da preocupação pela salvação da própria alma e daquela dos seus defuntos, ou de um defunto em particular. Além disso, esta podia ser fruto de um voto ou de um acto penitencial imposto pelo confessor, possivelmente a cumprir-se pessoalmente ou, em alternativa, por interposta pessoa (ROSSI VAIRO, 2009, p. 15)

Os vínculos do *caminho português* com São Tiago Maior começam com a sua pregação na Península Ibérica. Diversos historiadores tudenses refletem sobre a tradição imemorável que situa Tiago como evangelizador de Tui, ponto de entrada da rota jacobea na Galícia. O apóstolo inclusive designaria um dos seus discípulos, Santo Epitácio, como o primeiro prelado tudense.

Mas é Padrón, situada nessa mesma rota, o principal teatro da pregação do apóstolo, no noroeste peninsular. Isso se evidencia principalmente no promontório de Santiaguinho do Monte, lugar em que o peregrino pode encontrar vestígios, que, segundo a tradição, lembram os seus milagres e as suas passagens. Porém, o mais importante é que nessas terras, Tiago realizou a sua viagem depois de morto, considerada pela tradição como a *Translatio*, a qual é relatada no Livro III, Capítulo 1, do *Codex Calixtinus* e na *História Compostelana*. Segundo tais fontes, o corpo de Tiago foi trazido de Jerusalém, local em que foi decapitado (no ano 44), para a Península Ibérica – em uma barca de pedra, guiada por anjos, acompanhado dos seus dois discípulos mais importantes – Atanásio e Teodoro – atravessando o Mar Mediterrâneo e depois a Costa Atlântica, seguindo por via fluvial, através do rio Ulla, chegando a Iria Flávia, local em que o apóstolo havia pregado pela primeira vez, na Península.

Conforme Riera (2006, p.5-6), nesse caminho português, recentemente restaurado, “os antigos nomes [voltaram] a ressoar nos ouvidos dos peregrinos”, como, por exemplo, *Ponte das Febres*, local em que morreu São Telmo, em 1251, vitimado por uma doença, durante o percurso para Santiago de Compostela.

Além desse, os topônimos antigos prosseguem na relação de Riera e é a partir da sua relação (cujos nomes estão em itálico), que cito alguns deles, seguidos de meus comentários. São eles: *Rúa dos Cavaleiros*; *A Vrea Velha da Canicouba*; *Santa María de Alba*, esta última localizada na Província de Pontevedra, local onde se hospedou a rainha Santa Isabel de Portugal, em 1325, quando se dirigia ao santuário compostelano, depois da morte do seu marido, o rei Dom Dinis, a fim de rezar pela sua alma. Consta que a rainha piedosa teria feito duas peregrinações à Galícia, uma delas oficial, da qual há vasta documentação, e outra a pé; todavia, como assegura Maria de Lourdes Cidraes, dessa última não há registro histórico.

Segundo a pesquisadora portuguesa, quando D. Dinis adocece, em Santarém, a rainha o acompanha, tratando-o pelas suas mãos. No dia da morte do marido, em sinal de dor e de luto, Isabel veste o hábito de Clarissa. A seguir às exéquias, realizadas na igreja do antigo mosteiro de Odivelas, a rainha viúva partiu em peregrinação a Santiago de Compostela. Da sua visita ao santuário do apóstolo ficou a memória da magnificência dos presentes que levou. Do arcebispo de Santiago recebeu um bordão de peregrina. Alguns biógrafos relatam uma segunda peregrinação que a rainha teria feito a pé. No entanto, não consta da primeira biografia nem de outros documentos coevos, não tendo fundamento histórico (CIDRAES, s/d).

Percorrendo o caminho português chega-se a Iria Flávia (topônimo a partir do nome do imperador romano Flávio Vespasiano), lugar em que o apóstolo Tiago pregou pela primeira vez, durante a sua estadia na Hispânia. O corpo e a cabeça do apóstolo teriam permanecido pouco tempo em Jerusalém, os seus restos mortais foram então trazidos pelos seus discípulos Teodoro e Atanásio, em uma barca, que atravessou o Mar Mediterrâneo e depois o Oceano Atlântico; em seguida, chegando na costa da Galícia, seguindo o rio Ulla, parou em Padrón, onde o barco estava amarrado a uma pedra (*pedron* em galego). Esta pedra era uma antiga ara dedicada a Netuno e atualmente encontra-se na Igreja de Santiago, em Padrón, uma bela igreja construída em pedra local, acessível por uma escadaria, onde há uma imagem da Virgem na entrada, adornada com algumas cruces, e se chama São Tiaguinho. Depois de sepultar o corpo do apóstolo, os dois discípulos continuaram a pregar em Iria Flávia, que além de ser um *locus* importantíssimo, por estar relacionado com a história de São Tiago, possui a bela *Colegiata Santa Maria de Adina*, dos séculos XII e XIII, e um cemitério anexo, onde Rosalía de Castro foi enterrada, em 1885. Hoje, a grande poeta galega descansa no Panteão dos galegos ilustres, na igreja de Santo Domingo, em Santiago de Compostela, para onde foi trasladada em 1895, isto é, na terra onde nasceu. Encontra-se enterrado naquele cemitério (o de Iria Flávia), sob uma oliveira, o escritor galego, que recebeu o prêmio Nobel de Literatura, José Camilo Cela. Nas proximidades do cemitério está situado o museu dedicado ao escritor. Ainda de acordo com Riera há outros locais que fazem parte do caminho português: *Rúa*, *Rueiro*, *Anteportas*, povoados situados na Paróquia de Iria Flávia (RIERA, 2006, p. 5-6).

Situada neste percurso do caminho português é de se notar o santuário de “Nosa Señora da Escravitude”, assim denominada pelo fato de que um agricultor, a caminho de Santiago, ali parou para beber água da sua fonte, a qual está localizada aos pés da igreja. Ele ficou curado da sua enfermidade, o que quer dizer que Nossa Senhora o livrou da sua “esclavitude” ou da sua “escravitude”.

A *Rúa de Francos* oculta uma calçada romana, no seu bosque; conserva também a ermida de São Martinho e possui um dos mais belos cruzeiros de estilo gótico, que pode ser datado dos séculos XIV ou XV. Há nele inscrições que indicam terem sido enterradas ali as crianças que não tinham sido batizadas. Os locais até Santiago prosseguem na enumeração de Riera (2006, p. 5-8), mas creio ter dado uma ideia, ainda que singela, da maravilha e da importância histórica desses lugares que circundam o caminho português.

O historiador da Universidade do Porto, Humberto Baquero Moreno, no seu artigo intitulado “Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média”, informa-nos que, desde o sul de Portugal, havia um caminho de peregrinação; mas na região do Algarve os raros peregrinos preferiam optar por via marítima até à Galícia.

Ao norte de Portugal, havia na Idade Média, pelo menos três vias de acesso à Galícia: uma que se dirigia a Braga, Ponte de Lima, Valença e Tui; outra que saía do Porto, em direção a Barcelos, Ponte de Lima e Tui; e uma terceira via, que ia do Porto, passando por Guimarães, e em seguida a Braga, apenas para citar as cidades mais conhecidas (cf. BAQUERO MORENO, s/d).

O estudo de Baquero Moreno, que nos orienta, é muito importante do ponto de vista documental, visto que se baseia em documentos portugueses, que pertencem ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, arrolados em apêndice pelo autor.

O trabalho do professor Baquero Moreno prima por dois tópicos interessantes que desenvolve: menciona as “estalagens” que se encontram por todos os lugares dos caminhos, de Portugal até a Galícia; e relata um episódio real que aconteceu no caminho, envolvendo um casal alemão: Pedro e Jacomina. Eis o relato: três vaqueiros surgiram repentinamente diante dos peregrinos alemães, enquanto percorriam o “caminho”, mais precisamente em Nisa, local em que um dos homens acabou “dormindo com a moça”, isto é, violentou-a. Os alemães se

queixaram ao juiz Álvaro Diaz, que mandou prender Gonçalo Borrinho, o suposto agressor. Apesar de o casal dizer que não era Borrinho o agressor – antes de retomar a peregrinação, uma vez que queriam estar com a consciência tranquila, ao chegarem aos pés do apóstolo – o infeliz homem continuava preso; porém, conseguira finalmente fugir, e acabou por obter o indulto, após pagar uma fiança de mil reais (cf. BAQUERO MORENO, s/d, p. 83).

O atual caminho português, recuperado enquanto patrimônio, nos últimos anos, parte da Sé de Lisboa e segue em direção ao Norte, havendo duas possibilidades até Coimbra, que depois prossegue em dois caminhos, um, mais próximo da costa atlântica: Sintra, Batalha, Porto, Viana do Castelo, daí seguindo para Pontevedra, Padrón, Santiago – para citar apenas os locais mais conhecidos –; e outro mais próximo da Espanha, que tem início em Faro e prossegue por Évora, Nisa, Castelo Branco, Guarda, Bragança, Ourense, Santiago.

Resta lembrar que os vilarejos – por onde passavam os peregrinos até chegarem a um lugar que possuía um alojamento importante, como os grandes hospitais construídos nos vários caminhos – são de grande importância para se conhecer melhor os símbolos religiosos, espalhados pelos lugares mais insólitos, tais como os cruzeiros, pequenas ermidas que guardam uma iconografia, às vezes ingênua, ex-votos, enfim, a própria arquitetura, cuja singeleza contrasta com as igrejas dos santuários mais conhecidos. Nesses vilarejos, os peregrinos medievais deixaram também as marcas profundas da sua religiosidade. Quem eram esses peregrinos? O famoso historiador de arte Émile Mâle, em uma obra sobre os santos companheiros de Jesus, diz que se encontravam nas vias de peregrinação “os ricos, os homens de poder e aqueles que tinham apenas a sua alma para ser salva” (MÂLE, 1958, p. 101), sintetizando assim de maneira poética os estamentos sociais que frequentavam as rotas da fé.

O significado simbólico do caminho de Santiago de Compostela pode ser sintetizado nas palavras de Díaz y Díaz:

Não se trata de um simples caminho devocional, mas de uma possibilidade excepcional, para uma real e verdadeira conversão; pois essa permanecerá para sempre ligada, para os peregrinos, às lembranças e aos votos e resultados da peregrinação. O sentido subjacente dos atos e dos símbolos da autêntica e profunda devoção a esse grande apóstolo, nos aparece então, sob uma nova luz, a partir das interpretações alegóricas da época. E as consequências

espirituais da peregrinação se tornam ainda mais claras, para os fiéis do século XII, visto que se lhe apresentam o caminho de São Tiago como o meio mais exigente, mas também o mais frutuoso para a sua conversão e salvação (DÍAZ Y DÍAZ, 1992, p. 6, tradução minha)⁴

Referências

BAQUERO MORENO, Humberto. Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média. *História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, [S. l.], v. 3, 2019. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5824>>. Acesso em: 9 nov. 2022.

BOURDON León. I. Français du Midi dans les évêchés portugais (1279-1390). À propos d'un ouvrage récent. In: *Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, Tome 61, n. 3-4, p. 180-183, 1948. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/anami_0003-4398_1948_num_61_3_5655>. Acesso em: 30 out. 2022.

CIDRAES, Maria de Lourdes. *Isabel de Aragão, Rainha Santa: da História ao Mito*. Conferência pronunciada na Associação das Antigas Alunas do Instituto de Odivelas (AAAIIO). No. XXX/19XX. [sic]

DÍAZ y DÍAZ, Manuel. Interprétations du pèlerinage jacobéen. In: *Les traces du pèlerinage à Saint-Jacques-de-Compostelle dans la culture européenne*. Colloque organisé par le centre italien d'études compostellanes et par l'université de Tuscia, Viterbe en collaboration avec le Conseil d'Europe, Viterbe (Italie) 28/09 - 01/10/1989. *Patrimoine Culturel*, n. 20, p. 3-7, Les Editions du Conseil de l'Europe, 1992.

⁴ No original: “Il ne s’agit pas d’un simple chemin dévotionnel, mais d’une possibilité exceptionnelle pour une vraie et véritable conversion ; car celle-ci restera toujours attachée pour les pèlerins aux souvenirs et aux vœux et résultats du pèlerinage. Le sens caché des actes et des symboles de l’authentique et profonde dévotion à ce grand apôtre nous apparaît donc sous une nouvelle lumière d’après les interprétations allégoriques de l’époque. Et les conséquences spirituelles du pèlerinage deviennent encore pour les fidèles du XIIe siècle plus claires, vu qu’on leur présente le chemin de Saint-Jacques comme le moyen le plus exigeant mais aussi le plus fructueux pour leur conversion et leur salut.”

JÚDICE, Nuno (org.). *D. Dinis Cancioneiro*. Lisboa: Editorial Teorema, 1997.

MÂLE, Emile. *Les saints compagnons du Christ*. Paris: Hartmann, 1958.

MORAES, José Claudio Fróes de. Caminho de Santiago de Compostela pela Via de la Plata / Camino Sanabrés. Disponível em: <<https://amigosdocaminho.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2022.

NORTE, Armando José Gomes do. *Letrasdos e cultural letrada em Portugal* (sécs. XII e XIII). 2013. 708 p. (Doutoramento em História Medieval) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

PÁRAMO DE VEGA, Laura. La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la edad media. *Alcalibe*: Revista Centro Asociado a la UNED Ciudad de la Cerámica, n. 11, p. 157-188, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5017986>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

RIERA, José Antonio de la. *Caminho central português*. Xunta de Galicia: AGACS, 2006.

ROSSI VAIRO, Giulia. *Pro Salute Animae*: a peregrinação do rei D. Dinis a Compostela. *Incipit 1. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, 2009-10, Coordenadores: Flávio Miranda, Joana Sequeira, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital, Porto, p. 9-21, 2012.